

Diário das jornadas de trabalho no Cabeço Santo (Junho-Agosto)

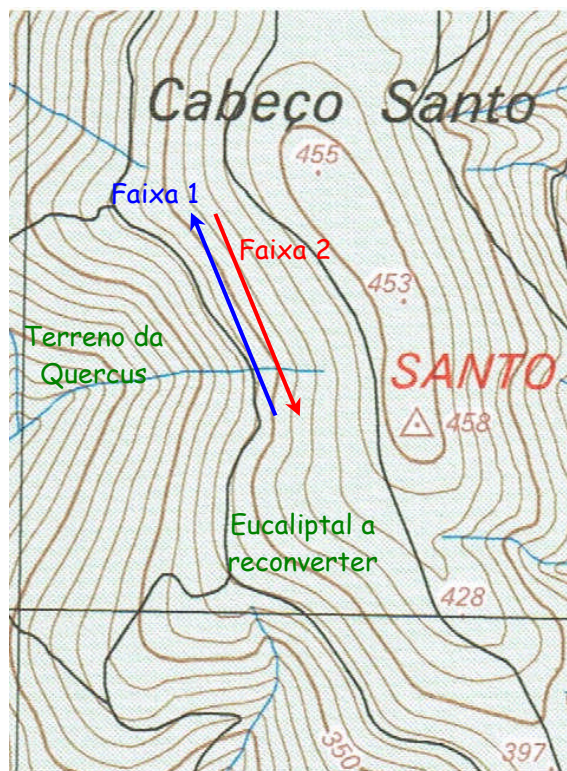
2 de Junho de 2007

Neste dia deu-se início a uma série de jornadas de trabalho de campo no Cabeço Santo com pessoal não voluntário. O objectivo é fazer o mais cedo possível o que estiver ao nosso alcance para controlar expansão da distribuição da *Acacia longifolia* e também da *Acacia dealbata*, verificada após o fogo de 2005. Este trabalho vai efectuar-se sobretudo nas parcelas da propriedade da Celbi, agora da Silvicaima, não sujeitas a exploração, e será um trabalho de longo prazo, anos, talvez, se as circunstâncias não se alterarem.

Neste primeiro dia apresentaram-se o Ricardo Fraga, o Ruben Machado e o Boris Okolovitch. O dia estava fresco e saímos pelas 8:45h de Belazaima. O trabalho iniciou-se na área a nascente do caminho florestal da Silvicaima e do terreno da Quercus. Esta área é bastante rica em medronheiros e lentiscos, ocorrendo também murta. Também aqui pode ser observada a *Serapias lingua*. Um ponto de referência importante, nesta paisagem sem árvores, é um sobreiro com 8 ou 10 metros de altura que aí ficou a testemunhar a capacidade notável desta espécie em se regenerar após um incêndio. Contudo esta área encontra-se também gravemente invadida pela *Acacia longifolia*, quer com plantas dispersas, quer com manchas muito densas. E o que é assinalável é que aqui praticamente não existiam manchas antes do fogo, mas apenas plantas dispersas. No entanto, a germinação maciça do banco de sementes, e muito provavelmente a regeneração através das raízes das plantas mãe, deu origem a estas manchas. Como se trata de manchas recentes, elas não são mono-específicas, e as plantas de acácia encontram-se misturadas com plantas nativas, quer do estrato arbustivo quer do sub-arbustivo. Do primeiro dominam aqui os lentiscos, que nestas manchas densas às vezes dificilmente se distinguem das acácias, mas o medronheiro e a murta são também abundantes, estes últimos detectando-se mais facilmente. Do segundo, dominam as plantas de sanganho-mouro (*Cistus salvifolius*), cujas sementes foram também activadas pelo fogo, e tojo da espécie *Genista triacanthus*, esta já fora das manchas mais densas, pois provavelmente é mais sensível ao ensombramento.

O ideal, do ponto de vista da recuperação ecológica destas áreas, seria o arranque das plantas que fosse possível arrancar e o corte das que já não o podem ser, pincelando a superfície de corte com herbicida para minimizar os rebentamentos de toija. Ora acontece que, nesta fase, muitas das plantas já não podem ser arrancadas, e entre elas há muitas de caules finos, que ocorrem autenticamente aos molhos. Não deixa de ser interessante verificar que, entre plantas do mesmo tamanho, há algumas que se arrancam facilmente e outras que de todo não. Tudo parece indicar que as que se arrancam facilmente são de origem seminal e as que não, são rebentamentos de raízes, embora a natureza do solo também contribua fortemente: quando estão quase assentes na rocha as raízes agarram-se fortemente às fendas por onde conseguiram furar e são mais difíceis de arrancar. Ora, voltando à estratégia de corte e pincelamento, quando a formação se apresenta como um conjunto muito denso de rebentos finos que não se conseguem arrancar, esta estratégia é demorada e difícil aplicação, além de, presumivelmente, ser menos eficaz do que nos caules grossos, devido à menor área de exposição ao produto. Desta forma, resta a pulverização com herbicida, a solução menos desejável, porque afecta sempre outras plantas, mas quase inevitável em áreas grandes.

Deste modo, o trabalho organiza-se do seguinte modo: estabelecem-se faixas no terreno, de 20 ou 30 metros de largura, a fim de progredir de forma ordenada e sem deixar, na medida do possível, núcleos para trás. Ao longo dessa faixa progride-se começando por arrancar todas as acácias que é possível arrancar. Numa segunda passagem, procuram-se os arbustos (lentisco, medronheiro e murta, essencialmente) no meio das acácias e cortam-se estas num raio de segurança em torno daqueles, de maneira a evitar que o herbicida os atinja. Pelo menos as acácias de tronco mais grosso pincelam-se com herbicida (Guru). Acácias que surgem isoladas ou em núcleos mais pequenos cortam-se também para evitar ao máximo a dispersão de herbicida. Finalmente, pulverizam-se as acácias com um herbicida não sistémico (Basta), de acção sobre estas plantas já experimentada, em particular pela Silvicaima, que aliás o forneceu. Claro que, desta forma, as plantas nativas do estrato sub-arbustivo, que ocorrem com abundância no meio das acácias são também atingidas e provavelmente não sobreviverão. Mas, sobretudo os *Cistus*, que são as plantas mais abundantes no meio das acácias, têm neste momento as suas sementes já maduras, e a expectativa é que, mesmo que as plantas mãe sequem, as sementes germinem na próxima Primavera num espaço entretanto deixado livre, e reocupem o espaço.



Voltando a este dia de trabalho, cerca das 11 da manhã eu e o Ruben deslocámo-nos até ao terreno da *Quercus* a fim de pulverizar os eucaliptos e as mimosas com um herbicida sistémico (à base de glifosato). Esta é uma operação a que já recorri em escala relativamente larga (6 ha) no ano passado, e que por isso posso considerar experimentada. Para funcionar tem que se usar uma concentração de produto de 5% (com base numa solução original de 360 ppm), pois de outro modo uma parte considerável dos eucaliptos volta a rebentar. Mesmo assim, 5 a 10% o faz. Os rebentos não podem ser demasiado pequenos porque a absorção do produto não é suficiente e voltam a rebentar, nem demasiado grandes de maneira que não se possa evitar uma dispersão demasiado grande durante a pulverização e se corra mesmo o risco de apanhar com algum... Ora, dada a velocidade de crescimento dos rebentos nesta altura, o *timing* de aplicação é crítico. Para agravar as coisas, não se pode aplicar com vento pouco mais do que fraco, mais uma vez para evitar a dispersão. Por isso, era muito importante fazer a aplicação neste dia já que o tamanho dos rebentos era quase ideal e o vento era aceitável. Descemos até à mancha de eucaliptos a pé já com uma máquina de produto, um regador de água, e frascos de Pitón. Eu comecei a aplicar a partir de cima enquanto o Ruben arrancava eucaliptos de origem seminal e cortava rebentos quando estes se encontravam perigosamente perto de algum arbusto nativo. Assim foram aplicadas duas máquinas, sendo que para a terceira já era necessário trazer a água do vale. Mas entretanto fez-se uma interrupção para o almoço.

À tarde o vento ajudou e foi possível quase concluir a pulverização dos eucaliptos no terreno da *Quercus*, já eram cerca de 16 horas. Só não foi inteiramente concluída porque o

produto acabou um pouco antes de pulverizados todos os rebentos. Dado no entanto o trabalho por terminado, os quatro elementos concluíram o dia arrancando e cortando acácias no terreno da Silvicaima.

Inicialmente, a faixa de trabalho foi delimitada usando uma fita plástica, que foi realmente fácil de colocar e delimitava de forma bem visível o espaço. No entanto revelou-se difícil de retirar e de reutilizar, o que a tornou uma má opção. Por isso, a segunda faixa foi já delimitada usando uma tinta em forma de spray, não tóxica, utilizada para pintar alguns troncos queimados, formando linhas mais ou menos direitas.

Neste primeiro dia não se iniciou ainda a pulverização da *Acacia longifolia*. Trabalhou-se ao longo de uma primeira faixa, junto ao caminho florestal da Silvicaima, e iniciou-se a segunda.

9 de Junho de 2007

Neste dia, tal como o primeiro, com um agradável tempo fresco, não foi possível contar senão com um homem, o Ruben, devido ao fim de semana prolongado. Previa-se até alguma precipitação, que não se veio a verificar. Deste modo, quase todo o tempo foi ocupado a trabalhar no arranque e corte de acácias ao longo da segunda faixa demarcada no terreno. À medida que nos afastamos do caminho florestal, as dificuldades de movimentação aumentam devido ao relevo do terreno e ao seu coberto vegetal. A formação que mais dificulta o avanço é o matagal de *Genista triacanthus*, devido à sua densidade e os seus espinhos. Mas felizmente a diversidade é ainda tónica dominante, alternando os matagais de tojos com formações de outras plantas, em particular as cistáceas e as gramíneas.

Particular atenção foi dada nesta jornada à procura de arbustos nativos no meio das manchas de acácias, já que se verificou que alguns tinham passado despercebidos na jornada anterior. Aconteceu sobretudo com os lentiscos, cujas folhas são algo parecidas com as das acácias, e que só com atenção se conseguem encontrar.

Executou-se uma primeira acção de pulverização de herbicida sobre as manchas de acácias. Basta a 2.5% - embora em pequena escala para permitir uma avaliação do resultado. Iniciou-se também a pulverização (com glifosato/Pitón) dos rebentos de eucalipto na mancha de eucaliptal do terreno da Silvicaima cuja reconversão está prevista (área a sul da zona onde se efectuavam trabalhos de controlo das acácias).

Pelo final do dia a pequena equipa tinha progredido até ao final da segunda faixa de trabalho, junto a uma grande acácia queimada que aí havia.

23 de Junho de 2007

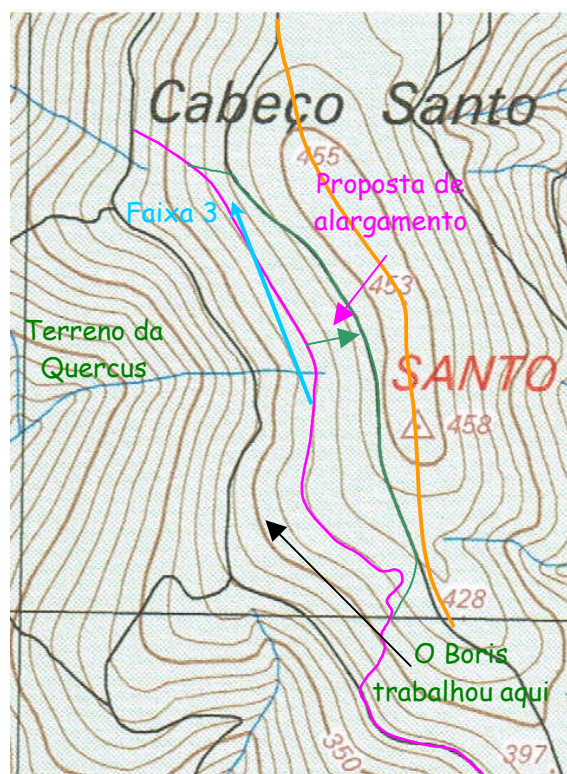
No Sábado anterior tinha chovido, foi talvez até o dia de mais intensa chuva deste mês de Junho, pelo que não tinha sido possível trabalhar. Mas felizmente este dia estava fresco e com pouco vento, parecia o dia ideal para trabalhar. Por isso, a saída de Belazaima deu-se pelas 8:30h, e, para além do Boris, do Ruben e do Ricardo, contámos também com o Zé. À chegada ao Cabeço Santo constatámos que a vegetação estava ainda muito molhada, devido à frescura da noite e devido a esta zona estar voltada a poente. A formação de gotículas de água nas plantas de *Agrostis* dá às manchas desta planta um maravilhoso aspecto, como se tivesse caído neve, ou mesmo algodão, sobre elas. Um belo presente da natureza neste início de dia.

Deste modo ainda não se verificavam as condições necessárias para iniciar a pulverização e os quatro homens começaram a arrancar e cortar acácias no final da segunda faixa de trabalho enquanto eu fui marcar a terceira, agora com uma tinta de cor verde amarelada. Os trabalhos continuavam assim na área a nascente do caminho florestal da Silvicaima e do terreno da Quercus.

Depois de marcar a faixa, fiz uma avaliação da pulverização anterior, tendo constatado a eficácia da aplicação sobre as acácias, embora as folhas não atingidas permanecessem verdes. Os danos sobre a vegetação circundante pareceram-me pequenos, embora as plantas na vizinhança imediata das acácias tivessem também secado, como era esperado.

Assim, agora que a vegetação estava já bastante seca, iniciei a pulverização. Trabalho dificultado pelo declive e pela morfologia do terreno, pela irregularidade com que as manchas se distribuem pelo espaço, tornando difícil avaliar o que já foi e o que ainda não foi pulverizado, pela altura das acácias, que por vezes atingem mais de um metro e meio, pela densidade das formações, que dificulta a penetração para atingir todas as plantas, pelo vento, que, mesmo fraco, arrasta a nuvem de herbicida numa direcção e tem de se evitar ser a direcção onde se encontra o operador... Aliás, o vento acaba por se tornar no principal problema, porque, em condições normais para esta época do ano e para este tipo de tempo (céu mais ou menos limpo e ar marítimo), a partir do meio dia há sempre vento de noroeste, aqui ainda com mais intensidade devido à altitude e à exposição. Deste modo, pulverizar à tarde quase nunca é possível em boas condições, o que deixa uma janela temporal muito estreita para o fazer em cada dia.

Assim, à tarde juntei-me a mais três homens que trabalhavam ao longo da 3ª faixa, já que o Boris tinha trabalhado todo o dia na mancha de eucaliptal a reconverter, cortando os rebentos altos (anteriores ao corte da madeira queimada), porque nesses já não seria possível pulverizar com herbicida. Deste modo, progredimos na terceira faixa em direcção a norte, apenas interrompendo para um lanche que já bem falta fazia para trazer nova energia a pernas e braços já um tanto cansados. Já perto da mancha de eucaliptos a norte muito poucas acácias podiam ser arrancadas, havendo contudo considerável número de medronheiros e lentiscos em volta dos quais era necessário cortar as acácias. Mas, dado que só tínhamos uma tesoura de poda, os homens sem nenhuma não podiam agora fazer muito pelo que decidimos interromper e voltar para baixo. Reparámos entretanto que já nos encontrávamos consideravelmente perto do estradão florestal do



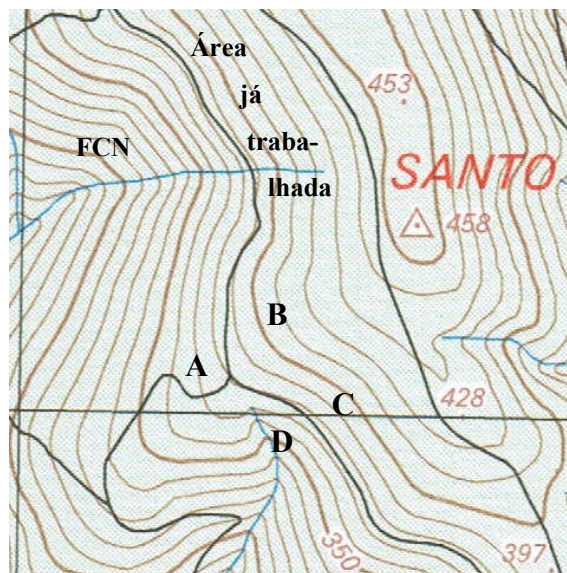
alto do monte, que aqui descia um pouco, e portanto provavelmente já dentro da zona que a Silvicaima prevê plantar. Ora, parece encontrarem-se aqui motivos suficientes para não explorar a área, pelo que assim nasceu a ideia de propor o alargamento da zona a proteger até ao estradão. Veremos se é ainda possível.

Entretanto, embora ainda um pouco antes da hora prevista para o fim dos trabalhos, e dado que já não era muito produtivo começar noutra sítio, deu-se por terminado o dia e foi-se recolher o Boris que andava já a uns 800 metros do resto do grupo.

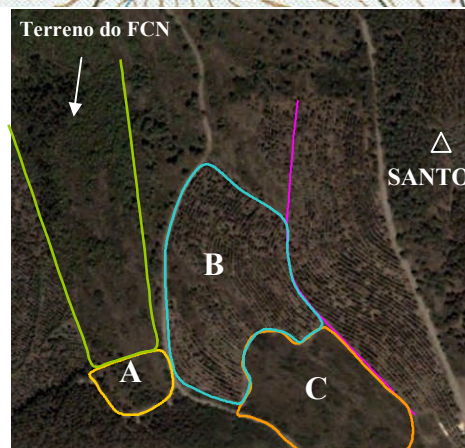
30 de Junho de 2007

Neste dia saímos de Belazaima pelas 8:30 h, tendo-se apresentado ao trabalho apenas o Ruben e o Boris. O dia estava fresco e com nevoeiro, que ainda mais se fazia notar no Cabeço Santo, dando à paisagem um tom de mistério e de desconhecido. A vegetação estava um pouco molhada, mas claro, não podíamos esperar que secasse completamente.

Por agora, deixávamos de trabalhar na área alvo das nossas atenções nas primeiras jornadas, e começávamos noutros locais. Eu e o Ruben começámos a manhã na área identificada nas cartas como A, entre os caminhos e o terreno da Quercus. Esta área estava muito invadida com eucaliptos de origem seminal e, em certos locais, com manchas de *Acacia longifolia*. De facto, foi uma das áreas que ainda tinha começado a ser trabalhada no 1º campo de trabalho voluntário mas que depois, devido ao seu nível de infestação, tinha sido deixada. Curiosamente ainda havia muitos



eucaliptos que podiam ser arrancados mas outros que já não, o mesmo acontecendo com as acácias. Relativamente às acácias, a abordagem foi a mesma já praticada noutros locais. Quanto aos eucaliptos, foram arrancados os que o puderam ser e cortados com uma tesoura os restantes, sendo as superfícies de corte pinceladas com herbicida. Nesta área encontram-se algumas plantas de um arbusto que tudo indica ser um *Quercus*, de folhas muito pequenas, espinhosas e coriáceas, espécie que não ocorre noutros locais. Será um carrasco?



Pelas 11:00 estava tudo, finalmente, já suficientemente seco para que se pudesse dar início à pulverização com herbicida. Neste dia foi dada prioridade aos eucaliptos da mancha de eucaliptal a reverter na propriedade da Silvica, dado que, não se fazendo agora e num intervalo de apenas algumas semanas, depois já os rebentos teriam que ser cortados para que a pulverização se fizesse em rebentos pequenos. Ou seja, dois trabalhos... Deste modo, os trabalhos começaram na área B, junto ao caminho. Esta é uma área em que o solo ainda apresenta sinais claros da mobilização a que foi sujeito para esta plantação, após um incêndio que aqui aconteceu em 1992. Anteriormente esta era uma zona não explorada. Para além de algumas urzes, a vegetação dominante é constituída por gramíneas do género *Agrostis*, mas extensas áreas de solo continuam sem vegetação. O trabalho de pulverização faz-se com o máximo cuidado para evitar a dispersão do herbicida. Deve estar sempre presente que esta acção não deixa de ser uma agressão, com consequências não só sobre outras plantas da vizinhança dos eucaliptos atingidos mas também

sobre alguns insectos que se abrigam nas folhas, em especial aranhas. Também se constata a relativa abundância de um insecto específico dos eucaliptos: o gorgulho do eucalipto (*Gonipterus scutellatus*). Um deles apareceu a dado instante agarrado à armação dos meus óculos e... queria à força continuar lá!

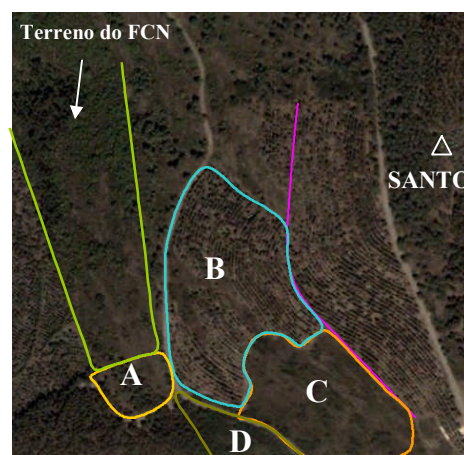
A pulverização continuou até cerca das 13:30h, dado as condições de vento serem bastante razoáveis, mas depois houve que fazer uma pausa para o almoço e um período de repouso, oportunidade também para tirar algumas fotos pela vizinhança. Nesta altura, as gramíneas destacam-se na paisagem, com as suas cores quentes próprias do estio. É também a altura da floração da murta.

À tarde o trabalho de pulverização continuou durante mais algum tempo, dado o vento não ser muito forte, o que é raro acontecer neste período do dia. O Ruben e o Boris, depois de terem concluído o trabalho na área A, passaram à área C, assim se tendo passado o resto do dia. Esta área tem muitas manchas de *Acacia longifolia*, não muito grandes em extensão, mas distribuídas por toda a área. A maior parte destas manchas resultou, cada uma delas, de apenas uma planta mãe, agora queimada. Como o solo é bastante rochoso, as acácias não crescem muito, o que, por um lado, facilita o trabalho, mas por outro as torna mais difíceis de arrancar.

14 de Julho de 2007

Neste dia os trabalhos decorreram apenas de manhã, pelo que saímos de Belazaima pelas 7:20h da manhã, de maneira a fazer 5 horas de trabalho. Foram apenas o Boris e o Ricardo. Neste dia sentimo-nos com coragem para abordar uma das áreas mais difíceis de toda esta zona: a área D, a poente do caminho florestal da Silvicaima. Esta era, antes do fogo, a área mais infestada com *Acacia longifolia* de toda a zona, com arbustos que atingiam 6 ou 7 metros de altura. Tinha também eucaliptos dispersos, embora aparentemente não tenha havido a intenção de plantar a área. Desde 2005 que muitas das plantas queimadas têm vindo a cair, dificultando a progressão no terreno. Para além dos eucaliptos rebentados, apareceram muitos de origem seminal que, como não foram arrancados a tempo, agora já têm de ser cortados e o respectivo caule pincelado com herbicida. A adicionar-se a tudo isto, as acácias cresceram com incrível rapidez e densidade, a maioria delas apresentando já mais de dois metros de altura. Este facto, que não se verificou na maior parte das outras áreas em que esta planta se expandiu, estará talvez relacionado com a qualidade do solo e a proximidade de um vale, de que esta zona constitui praticamente a cabeceira. Contudo esta é uma zona de relevo irregular, onde a áreas de declive constante se sucedem outras com afloramentos rochosos, sobretudo no vale.

No entanto, se vista do caminho florestal da Silvicaima, esta área parece ser praticamente mono-específica, dado o seu grau de infestamento, lá dentro verifica-se que há bastantes arbustos e plantas do matagal entre as acácias, às vezes intimamente misturados com elas. Daí ser necessário o maior cuidado para as poupar.



Logo que as condições o permitiram eu continuei o trabalho de pulverização dos eucaliptos da mancha B, e antes de terminar a manhã ainda pulverizei manchas de *Acacia longifolia* nas áreas A e C junto ao caminho, a seguir à mancha de eucaliptos já pulverizada.

21 de Julho de 2007

Este foi um dia muito fresco, um dos mais frescos do mês de Julho, com temperaturas pouco superiores a 20°C. Além disso, com vento, um vento moderado logo desde a manhã, que impediu a pulverização com herbicida. Trabalharam o Boris, o Ricardo, o Ruben e o Zé. A equipa dividiu-se em dois grupos: o Boris e o Ricardo foram para a área B, a nascente do caminho florestal da Silvicaima, o Ruben e o Zé foram para a área D, a poente do mesmo caminho. Os primeiros continuaram os trabalhos de corte e arranque de *Acacia longifolia* em torno de arbustos nativos naquela área de afloramentos rochosos onde as manchas de acácias são menos extensas do que em outros locais mas ocorrem com significativa densidade. O segundos continuaram na mais difícil e extensa das manchas.

Embora até aqui ainda mantivéssemos a prática de pincelar os caules de acácia com herbicida, pelo menos os de maior diâmetro, na mancha D rapidamente concluímos que isso seria impraticável, devido ao tempo que demoraria. Por isso, aqui decidimos não pincelar. Se houver rebentamentos, eles terão de ser controlados por meio de pulverização. Mas, na zona mais densa as acácias cortadas formam uma tal camada no chão, que é até improvável haver luz suficiente para novos rebentamentos.

Na zona D a estratégia seguida foi abrir ruas através das manchas de acácias, permitindo a circulação e permitindo encontrar arbustos nativos entre as elas. Quando um tal arbusto é encontrado, é feito um desvio da rua e uma área em torno dele é limpa de acácias. Desta forma, em vez de se tentar desbravar toda a área de uma só vez, fragmenta-se a mancha de acácias e recuperam-se os arbustos nativos, deixando a eliminação total das acácias para uma fase posterior.

O trabalho nesta mancha é um daqueles que nos coloca perante a dimensão quase trágica que atingiu a relação do homem com a natureza, ao dar como resultado situações como a que aqui encontramos. Mas, talvez este sentimento seja apenas devido à dimensão do esforço que cada metro quadrado deste espaço requer. Afinal, também há aspectos positivos: o solo foi pouco perturbado, dado que aqui não houve mobilizações, o que, uma vez eliminada a flora invasora, dá boas perspectivas à vegetação nativa de recolonizar estas áreas.

No regresso a casa, pelo final do dia, fomos presenteados com uma escolta : durante talvez mais de uma centena de metros, uma pequena ave corria à frente da carrinha, e, se levantava voo, era apenas para poisar um pouco mais à frente. Admirados com a persistência acabámos por parar e observar um pouco, mantendo-se a ave a curta distância até que finalmente eu saí da carrinha para a cumprimentar . Foi então que decidiu voar em direcção ao terreno do FCN. Uma pequena experiência com muito significado...

28 de Julho de 2007

Neste dia participaram o Boris, o Ruben e o Zé, e os trabalhos iniciaram-se antes das 8 horas, já que iriam decorrer apenas de manhã. O vento era significativo, o que dificultava a pulverização com herbicida. Por isso, embora tenha iniciado esse trabalho na mancha de eucaliptos a reconverter (B) não o pude prolongar por muito tempo já que as condições se tornavam minuto a minuto mais difíceis.

O Ruben e o Zé continuaram os trabalhos na área D, rasgando a mancha de acácias com tesouras de poda, segundo o procedimento estabelecido nas jornadas anteriores.

O Boris continuou a trabalhar na área B, limpando as acácias em torno dos arbustos nativos, mas agora sem pincelamento com herbicida.

4 de Agosto de 2007

Neste dia apresentaram-se ao trabalho o Boris e o Zé. Nos dias anteriores tinha estado muito calor e para este dia previa-se apenas um pequeno decréscimo da temperatura, pelo que trabalhámos apenas de manhã. Pela primeira vez desde que se iniciaram estas jornadas de trabalho que a vegetação estava seca logo pelas 8 da manhã, o que permitiu iniciar cedo o trabalho de pulverização. Inicialmente pus 3 máquinas nos eucaliptos da mancha B, enquanto o Zé ia indo à frente cortando rebentos altos (anteriores ao corte da madeira queimada) e cortando as pontas mais altas aos rebentos de 2ª geração. Desta forma não se dispersa tanto o herbicida, assegurando ainda uma boa área foliar de exposição ao produto. Depois desta pulverização ficaram no máximo meia dúzia de carreiras de eucaliptos por pulverizar, até ao limite da área a reconverter.

Entretanto, o Boris tinha continuado na área B os trabalhos já iniciados em jornadas anteriores.

Depois dos eucaliptos, passei a pulverizar *Acacia longifolia*, começando por rever as áreas já pulverizadas em jornadas anteriores. Esta revisão parece essencial, já que, como este herbicida é de contacto, as folhas não atingidas ou insuficientemente atingidas permanecem verdes, daí parecendo surgir novos rebentos que evitam a morte da planta. Esta revisão, naturalmente, implica a pulverização das folhas que ainda permanecem verdes. Também em áreas de ocupação muito dispersa é difícil atingir numa só vez todas as plantas alvo, até porque, ao contrário da pulverização dos eucaliptos, nas acácias, logo que a água evapora, é muito difícil perceber se as folhas já foram pulverizadas ou não. Na prática, estes problemas significam que uma área tem de ser percorrida duas, três ou mesmo mais vezes, separadas no tempo de pelo menos uma semana, mas preferencialmente duas, para que a quase totalidade das acácias seja atingida.

A meio da manhã fizemos uma paragem para o lanche. Ao contrário de outras vezes, em que dificilmente encontrávamos uma sombra para uma pequena ou grande refeição, desta vez instalámo-nos confortavelmente à sombra de um medronheiro e sobre um manto de acácias secas que antes o apoquentavam. Uma grande aranha na sua teia observava-nos ali de perto. Mas foi uma pequena e colorida que entretanto se introduziu no caixote do lanche, parecendo querer partilhá-lo connosco. Tirámos-lhe algumas fotos, depois de a convencer a mudar-se para uma planta de feto. Entretanto, o canto persistente de uma cigarra convidava a uma sesta matinal.

Depois do lanche, os trabalhos continuaram como antes, mas ainda com o som do canto da cigarra, até que, perto da 1 da tarde, os demos por encerrados e partimos para umas merecidas férias.

Paulo Henrique Grilo Domingues, Junho-Agosto de 2007